

David Zimmermann: o ser humano, o psiquiatra e o psicanalista

Gildo Katz

Revista Brasileira de Psicanálise
número especial, p. 232-238 · 2017

Resumo

O autor descreve dados biográficos significativos da vida de David Zimmermann, principalmente no que diz respeito às suas realizações no ensino de psiquiatria e de psicanálise. Discorre também sobre suas características pessoais, apresentando-o como um ser humano que foi um líder inteligente, carismático, por vezes autoritário, mas extremamente humano, sensível, capaz de rever suas posições quando os fatos se impunham. Finalmente, procura, através de alguns comentários de R. Horacio Etchegoyen, ampliar o entendimento sobre o caso que envolveu Helena Vianna, Leão Cabernite e Amílcar Lobo, episódio no qual David esteve implicado quando era vice-presidente da IPA.

Palavras-chave

David Zimmermann; psiquiatria; psicanálise.

GILDO KATZ é médico psiquiatra, psicanalista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre SBPdePA, professor de psiquiatria e psicoterapia da Fundação Universitária Mário Martins FUMM.

O primeiro encontro

Dizem que a primeira impressão é a que permanece.

Conheci David Zimmermann em um dia de maio de 1971. Eu estava com algumas preocupações quanto ao meu futuro profissional e acreditava que ele poderia me ajudar. Como não o conhecia pessoalmente, o nosso encontro se deu por intermédio de um amigo, que mantinha longa amizade com David. A pronta resposta de que me receberia me animou a comentar fatos que considerava relevantes sobre a minha pessoa. Escutou tudo com atenção e, de maneira carinhosa, fez alguns comentários que me ajudaram muito.

David Zimmermann, nesse primeiro contato, impressionou-me por certos traços marcantes de sua personalidade. Sua pessoa impunha respeito e consideração, mas ao mesmo tempo criava uma atmosfera de compreensão e receptividade em relação aos sentimentos e necessidades do outro, o que despertava a sensação de confiança.

À medida que meu contato com ele aumentava, essa impressão foi sendo reforçada. Era uma pessoa complexa, de sólidos princípios, que muitas vezes reagia com palavras intempestivas, rudes e, por vezes, inadequadas quando esses princípios eram contrariados. Ao mesmo tempo, porém, era carinhoso, tolerante e gostava de ajudar os outros. Sua tolerância atingia até alunos que cometiam deslizes e que mereceriam a exclusão da

especialização. Procurava ser justo. Vários receberam novas oportunidades e corrigiram seus equívocos. Esse foi o caso de um residente que fazia negócios com seus colegas, e estes, com justiça, reclamaram para a Comissão de Ensino. Todos queriam a expulsão do aluno, mas David, contrariando o grupo, conversou com ele dizendo: “Meu filho, acaba com isso, desfaz os negócios e toca tua vida em frente”. O colega é hoje um competente psiquiatra em Porto Alegre. Em outra ocasião, um aluno recusava-se a preencher os prontuários que deveriam ser datilografados, por considerar um ato autoritário. David autorizou que ele fizesse por escrito e a lápis. Mesmo assim, o colega decidiu afastar-se da instituição.

Para descrever os dados biográficos, valho-me do material do doutor Walmor Piccinini, um profundo estudioso e divulgador da história da psiquiatria e da psicanálise no Brasil, e do doutor Gley P. Costa, autor de livros relevantes para a psicanálise.

O psiquiatra e o psicanalista: breves dados biográficos

Partenon é o nome de bairro importante em Porto Alegre. Nem sempre foi assim; no passado era cercado de estigma e não era sem motivos. A presença do Hospício São Pedro e do Manicômio Judiciário no fim da linha do bonde Partenon propiciava a criação de bordões populares do tipo “teu lugar é no fim da linha do Partenon”, obviamente significando que era louco. Os problemas do bairro não se resumiam aos loucos; lá também ficavam o Presídio Central, o quartel da Brigada

Militar, na chácara das bananeiras, e quartéis do exército. A esses, poderíamos acrescentar o Sanatório Partenon, hospital para tuberculosos. Quem sabe foi a mão invisível do destino que escolheu esse bairro para o nascimento de David Zimmermann, em 2 de julho de 1917. A história da sua vida esteve permanentemente ligada ao Partenon, pois foi ali, na Divisão Melanie Klein do Hospital São Pedro, que construiu sua maior contribuição para a psiquiatria gaúcha e brasileira. A colônia israelita estabeleceu-se no Bairro Bom Fim; era constituída de imigrantes pobres que começaram a progredir vendendo à prestação, fabricando e vendendo móveis e na construção civil. No início do século XX era uma comunidade de modestos recursos econômicos; os mais pobres eram obrigados a viver fora do Bom Fim. Isso aconteceu com a família Zimmermann, que vivia numa pequena casa com pequeno comércio. Cedo perdeu o pai e sua vida tornou-se ainda mais difícil. Estamos relatando esse acontecimento da sua vida devido às consequências, pois se tornou uma marca na personalidade e na concepção de vida do professor David Zimmermann. Ele gostava de valorizar os alunos de origem modesta, mas talentosos, e que demonstravam capacidade de enfrentar adversidades. Se a realidade que o cercava era de dificuldades, isso não o abateu; serviu apenas para moldar um caráter íntegro, justo e humanitário. Em 1946, formou-se pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Estava com 29 anos e trabalhava no Abrigo de Menores, também situado no Partenon. (Piccinini & Costa, 2004)

Tinha o desejo de vir a ser psicanalista, e esse desejo tornou-se realidade quando,

em 1947, voltou de Buenos Aires o doutor Mário Martins, que deu início à formação psicanalítica em Porto Alegre. David iniciou sua formação em 1948 e a concluiu em 1960, sendo que em 1961 passou a ser membro graduado da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Em 10 de outubro de 1953, ingressou como professor de clínica psiquiátrica na Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Como docente, organizava grupos de estudo sobre psiquiatria dinâmica. O entusiasmo do professor e a pressão dos alunos interessados resultaram na criação do Curso de Especialização em Psiquiatria da Faculdade de Medicina da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), em 1957, que se consagrou como o mais antigo do país.

O Curso era ministrado pelos professores Paulo Luiz Vianna Guedes e David Zimmermann. Paulo Guedes faleceu muito cedo, e David manteve o Curso até sua jubilação em 1987. O trabalho que desenvolveu naquele período fez com que se tornasse o psiquiatra e psicanalista gaúcho mais conhecido nacional e internacionalmente, estimulando e ajudando seus alunos a ultrapassar as fronteiras do nosso estado e do Brasil, em busca do conhecimento e do relacionamento com colegas de outros centros.

Provavelmente, a mais destacada característica de David Zimmermann era sua brilhante inteligência, que, aliada às suas qualidades humanas, reconhecida probidade, cultura e elevado espírito científico, elevou-o à posição de um autêntico líder,

possuidor da capacidade de perscrutar os destinos da psiquiatria e da psicanálise, acendendo as luzes do futuro dessa área para seus colaboradores e alunos. Essa antevisão incentivou uma profunda reestruturação do Curso de Especialização em Psiquiatria da UFRGS no início da década de 70, possibilitando a criação do mestrado em psiquiatria e os novos rumos observados nos anos 80, o que promoveu o ensino de psiquiatria em nosso estado ao mesmo nível dos melhores patamares da psiquiatria mundial, desenvolvendo a pesquisa clínica e experimental, sem descuidar da psicoterapia de orientação analítica.

Em 1986, o professor David levou a sua filosofia e orientação na formação de psiquiatras para o Hospital Porto Alegre e, em 1987, para uma nova entidade, a Fundação Universitária Mário Martins, à qual dedicou com o mesmo entusiasmo seus últimos anos.

Costa (1999) salienta que,

em 1995, por ocasião do lançamento da segunda edição de seu livro *Estudos de psicoterapia*, Zimmermann declarou sentir-se um homem feliz e realizado por tudo o que havia feito, principalmente pelo que conseguira construir nos últimos dez anos. Referia-se à Fundação Universitária Mário Martins (FUMM) e à Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), cuja criação e crescimento tiveram o maiúsculo apoio de sua experiência e de seu consagrado e indispensável prestígio. Na FUMM,

ele deu continuidade ao seu Curso de Especialização em Psiquiatria, nos moldes do que havia criado na UFRGS, o qual atualmente tem o merecido nome de Curso de Especialização em Psiquiatria Prof. David Zimmermann. Na SBPdePA, entidade que lhe concedeu os títulos de membro fundador, membro titular e membro honorário, retomou suas discussões sobre psicanálise, iniciadas em 1963, na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. (p. 16)

David foi casado com a também psiquiatra e professora doutora Aída W. Zimmermann. O casal teve três filhos: Sérgio (agrônomo), Jacques e Heloisa (psiquiatras e psicanalistas).

Sua trajetória foi brilhante, tanto na psiquiatria como na psicanálise. Na psiquiatria, foi presidente do Centro de Estudos Luís Guedes, presidente da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria do Rio Grande do Sul e da Associação Brasileira de Psiquiatria, além de presidir muitos congressos da especialidade. Como psicanalista, foi fundador e posteriormente presidente da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, presidente do Conselho das Organizações Psicanalíticas da América Latina e duas vezes vice-presidente da Associação Psicanalítica Internacional.

Esteve entre os fundadores da *Revista de Psiquiatria* do Centro de Estudos Luís Guedes, participou da *Revista de Psiquiatria Dinâmica* e foi fundamental na reativação da *Revista Brasileira de Psiquiatria* da ABP. Na Fundação Mário Martins, criou os *Arquivos de Psiquiatria, Psicoterapia e Psicanálise*. Essa talvez tenha sido a grande marca desse formador de homens: a utilização dos

recursos psicanalíticos na psiquiatria, no ensino psicodinâmico e no desenvolvimento da psicoterapia analítica de grupo através da escrita. Toda essa atividade fez com que a Câmara de Vereadores, por decisão unânime e como demonstração de reconhecimento, lhe concedesse, em 1994, o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre, destacando não apenas o seu desempenho como professor, mas também o seu trabalho comunitário. Zimmermann foi um médico que, ao longo de 50 anos de profissão, dedicou uma parte expressiva do seu tempo ao atendimento da população carente, principalmente no Partenon, seu bairro de nascimento.

Muitos dos seus trabalhos foram apresentados em conferências e participações em congressos. Da mesma importância são os vários artigos em revistas internacionais de psicanálise e seus livros *Estudos sobre psicoterapia analítica de grupo*, *Temas de psiquiatria*, *Estudos sobre psicoterapia e Relações da psicanálise*.

David faleceu aos 81 anos, em 31 de dezembro de 1998.

O ser humano

Gley P. Costa descreve com acurada precisão os últimos anos da vida de David Zimmermann:

Zimmermann manteve até o final da vida uma ligação afetiva muito intensa e verdadeira com seus alunos, incluindo aqueles que, por razões variadas, dele se afastaram. Os alunos, assim como os pacientes, constituíam seu grande e valorizado tesouro e,

apesar de serem em grande número, guardava na lembrança não apenas o nome completo de todos, mas sua trajetória na Faculdade de Medicina, no Curso de Especialização ou no Instituto de Psicanálise, respeitando suas individualidades e procurando destacar o que possuíam de melhor. Ele apreciava convidá-los para sua casa e aceitava, com muita satisfação, os convites que deles recebia, viajando sem dificuldade para a cidade em que se encontravam se fosse o caso, para uma festa de aniversário ou casamento. (1999, p. 16)

Quem conviveu mais intimamente com Zimmermann nos últimos anos, durante os quais refletiu sobre diversos acontecimentos marcantes de sua atividade como psiquiatra, psicanalista e principalmente professor, é testemunha de que procurava analisar as situações em seu conjunto, evitando ataques pessoais e deixando transparecer em seus comentários o genuíno desejo de que, um dia, todos pudessem estar juntos. De certa forma, esse desejo foi satisfeito no dia 13 de março de 1999, na homenagem póstuma que lhe foi prestada pela Fundação Universitária Mário Martins, em conjunto com as entidades psiquiátricas e psicanalíticas filiadas à Associação Brasileira de Psiquiatria e à Associação Brasileira de Psicanálise, e que contou com a presença de um grande número de alunos, representando várias gerações de psiquiatras e psicanalistas gaúchos. Era o encontro que ele almejava realizar, movido pela generosidade dos mestres que, além de ensinar, amam os alunos como se fossem seus filhos.

Não poderia encerrar estas notas biográficas sem lembrar o caso que envolveu Leão Cabernite, Helena Besserman Vianna e Amílcar Lobo, médico-tenente da polícia militar, torturador a serviço da ditadura militar e candidato à formação psicanalítica pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Dentre os desdobramentos desse caso, talvez os de maior repercussão tenham sido as consequências sofridas por Helena Besserman Vianna após denunciar o fato, em 1973, a Maria Langer, que era muito considerada na IPA por sua luta contra as ditaduras latino-americanas. Helena sofreu uma degradação pública, enfrentou um tribunal em sua Sociedade, a SBPRJ, por ter delatado um inocente e fomentar um complô para desestabilizar a psicanálise brasileira, e foi impedida por dois anos de ter o título de membro titular, ao qual tinha direito. Apenas em 1980, quando um ex-prisioneiro revelou as atrocidades de Amílcar, Helena foi definitivamente reabilitada e Cabernite renunciou à sua condição de analista.

Roudinesco e Plon (1997/1998) sustentam que, “quando a direção da IPA recebera a denúncia, repassada aos dirigentes contactados na ocasião, nem Cabernite, nem Zimmermann, nem Lebovici prestaram contas do seu erro nesse período” (p. 90).

Embora não conheça os detalhes de como se processam tais situações no interior da IPA, valho-me de alguns trechos de uma entrevista, depois transformada em livro, que R. Horacio Etchegoyen, o primeiro presidente latino-americano da entidade, concedeu ao

historiador Jorge H. Stitzman em 1998. Nela, discorre sobre fatos marcantes de sua vida e dialoga com seu interlocutor sobre o caso Cabernite ao longo de mais de 16 páginas. Não haveria espaço para reproduzir esse diálogo. Então, destaco algumas passagens que me pareceram significativas, porque, sem citar Zimmermann, toca no assunto quando se refere ao papel de Lebovici no episódio.

A IPA é uma instituição de seres humanos, com suas virtudes e seus defeitos. No caso de Helena, ela sai dos limites e fere de morte a psicanálise. Nesse sentido, vejo-a como heroína que vai além de todos os outros analistas. Nesse mesmo caso, eu não o teria feito; teria pensado que o risco seria tão grande que, ainda que repudiando essa situação, eu teria consentido. Do outro lado está Cabernite. Foi meu amigo e me fez pensar que fora vítima de intrigas políticas. [...] Cabernite, assim como Liberman, Grinberg, Zac, era um dos nossos pares, e a nossa tendência foi acreditar em suas palavras. Enquanto trabalhávamos essas questões, Lebovici e os outros enfrentavam dramas semelhantes com a traumática divisão da APA e o problema da Rio I. [...] Quando Wallerstein e Hanna Segal pediram a expulsão de Cabernite, eu fui o único que não os apoiou, porque me vi diante do autoritarismo da IPA e da dúvida quanto a se ele cometera um ato lesivo ou era vítima de acusações indevidas. O que me ajudou a decidir foi que, assim como não daria o passo de Helena, porque eu não sou um herói, eu não delataria um colega mesmo que fosse ameaçado de tortura por Videla e Camps. Esse foi o fato que me definiu sobre o que eu deveria fazer a respeito de Cabernite, pois ele delatara Helena. (pp. 213-214)

Em 1973, exatamente na época da denúncia, tive a oportunidade de assistir a uma cena que me marcou muito.

Certo dia, a Divisão Melanie Klein recebeu uma visita intempestiva do secretário da Saúde, exigindo, a mando do governador, amigo de Médici, que um aluno fosse afastado por estar supostamente envolvido em atividades subversivas. David Zimmermann, de forma firme e decidida, pediu que o secretário se retirasse do local, pois ali era

ele quem mandava, e que o aluno iria permanecer, pois o avaliava pelo seu trabalho, e não por suas atividades fora da instituição.

Assim era David Zimmermann, uma pessoa complexa, com qualidades e defeitos próprios de um ser humano. Era carismático, por vezes autoritário, teimoso, mas sempre disposto a rever suas posições, seja no trato com colegas, seja no atendimento dos pacientes. Por tudo o que realizou, merece estar na galeria dos maiores psicanalistas do Brasil.

David Zimmermann: el ser humano, el psiquiatra y el psicoanalista

El autor describe datos biográficos significativos de la vida de David Zimmermann, principalmente en lo que se refiere a sus realizaciones en la enseñanza de la psiquiatría y del psicoanálisis. Discurre también sobre sus características personales, presentándolo como un ser humano que fue un líder inteligente, carismático, a veces autoritario, pero extremadamente humano, sensible, capaz de rever sus posiciones cuando los hechos se imponen. Finalmente, procura, a través de algunos comentarios de R. Horacio Etchegoyen, ampliar la comprensión sobre el caso que involucró a Helena Vianna, Leão Cabernite y Amílcar Lobo, episodio en el cual David estuvo involucrado cuando era vicepresidente de la IPA.

PALABRAS CLAVE: David Zimmermann; psiquiatría; psicoanálisis.

David Zimmermann: human being, psychiatrist and psychoanalyst

The author describes significant biographic information about David Zimmermann's life, especially that regarding Zimmermann's accomplishments in teaching psychiatry and psychoanalysis. He also expatiates on David Zimmermann's personal characteristics, and presents Zimmermann as a human being and as an intelligent, charismatic, at times authoritarian, albeit extremely humane and sensitive leader. A leader who was also able to backpedal on his positions if needed. By using comments by R. Horacio Etchegoyen, the author attempts to shed light on a case in which Helena Vianna, Leão Cabernite and Amílcar Lobo were engaged and also David Zimmermann was involved, by the time he was the vice president of IPA.

KEYWORDS: David Zimmermann; psychiatry; psychoanalysis.

Referências

- Costa, G. P. (1999). David Zimmermann: amor ao aluno em primeiro lugar. *Jornal da Sociedade de Psiquiatria do RS*, 9(33), 16.
- Piccinini, W. J. & Costa, G. P. (2004, agosto). Professor David Zimmermann (1917-1998). *Psychiatry On-line Brazil*, 9(8). Recuperado em 15 dez. 2016, de www.polbr.med.br/ano04/val0804.php.

- Stitzman, J. H. (1998). *Conversaciones con R. Horacio Etchegoyen*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro, L. Magalhães & M. A. Coutinho, Trads.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1997)

Gildo Katz
Rua Mariante, 288/1208
90430-180 Porto Alegre, RS
Tel/Fax: 51 3395-2622
gildokatz@gmail.com